

Para compreender os Cadernos do cárcere

Tatiana Fonseca Oliveira

Como citar: OLIVEIRA, T. F. Para compreender os Cadernos do cárcere. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 169-172.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p169-172>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Para compreender os *Cadernos do cárcere*

Tatiana Fonseca Oliveira*

Para fazer uma espécie de «arqueologia» do pensamento de Gramsci, entender «o ritmo geral de suas idéias»¹ e trazer à lume o seu entendimento sobre o marxismo, a sua «filosofia da práxis» e, conseqüentemente, de «sociedade civil» nos *Cadernos do cárcere* – é necessário também discutir o que entendia por marxismo os quatro significativos interlocutores adotados por Gramsci, não só nos seus escritos carcerários como nos seus escritos anteriores: os neo-idealistas italianos Benedetto Croce e Giovanni Gentile, o teórico francês do sindicalismo-revolucionário Georges Sorel e, o primeiro grande marxista italiano, Antonio Labriola.

É importante ainda contextualizar e reconstituir a discussão crítica feita por nosso autor com os teóricos do materialismo vulgar, mecanicista, da *II Internacional* e com o movimento revisionista, que teve na Itália como maior representante o já citado B. Croce (e Gentile, para uma maior compreensão da própria obra do autor napolitano). Nessa ordem, ainda que suas críticas se concentrem na figura de Croce, o «intelectual nacional», Gramsci não deixa de estar com isso discutindo com o revisionismo como um todo, ou seja, com os intelectuais do revisionismo europeu, ainda que o endereço de suas críticas não seja exatamente a esses.

Nesse interim, é pertinente identificar não somente os aspectos expulsos, mas os absorvidos da obra de Croce (uma vez que esse intelectual «retraduziu o marxismo», e nessa «retradução» apresenta avanços e retrocessos) por parte de Gramsci na elaboração de seu marxismo, de sua «filosofia da práxis». Vale lembrar, inclusive, que o próprio Gramsci avalizava o pensamento croceano também como um instrumental contra o próprio materialismo vulgar, mecanicista. Daí a importância fundamental de se entender não somente a obra de Marx, Lênin, Labriola, dentre outros, mas também a obra croceana e, assim, ir «às fontes» do pensamento gramsciano.

Em outras palavras, ocupar-se do pensamento de Labriola, Croce, Gentile e Sorel – sem com isso prescindir de um estudo sobre o pensamento de N. Lênin, R. Luxemburgo, R. Mondolfo, A. Loria e N. Bukhárin, entre outros (e, no que diz respeito ao revolucionário bolchevique, consideramos Gramsci o seu maior herdeiro) – é um meio imprescindível para se aproximar do pensamento de Gramsci, de estar «più vicino» ao autor, de «refazer» toda a sua discussão científico-filosófica, sua reflexão crítica, uma vez que acreditamos que os seus *Cadernos* não podem ser reduzidos a um «programa tático-político» de revolução, apesar do mesmo não está descolado da totalidade de sua obra e consideramos a sua importância. Em síntese, não devemos enquadrar apenas esse aspecto teórico político do pensamento de Gramsci, pois antes da fotografia existe uma realidade em movimento.

* Doutoranda em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-SP / Brasil. Fez parte de sua pesquisa de doutorado no *Istituto di Scienze Filosofiche e Pedagogiche 'Pasquale Salvucci' dell'Università degli Studi di Urbino 'Carlo Bo'*, na Itália - tatioliv@unicamp.br e fonsecatatiana@libero.it.

¹ GERRATANA, Valentino. *Gramsci: problemi di método*. Roma: Editori Riuniti, 1997, p. 8.

Consciente da necessidade de universalização da Revolução de Outubro de 1917, Gramsci empenha-se numa luta em prol do comunismo e procura também entender o caminho tomado não apenas pelo seu país, mas pelo «Ocidente» (ainda que esse termo seja metaforizado): o do nazifascismo em detrimento do socialismo. Em outras palavras, Gramsci preocupa-se em obter uma resposta do porquê a Itália, a Alemanha, o «Ocidente», foram submersos numa ordem sócio-política nazifascista ou numa ordem liberal-conservadora, apresentando ambas, ainda que com especificidades, um forte poder de revigoramento do capitalismo e permanecendo por isso mesmo insensível à mensagem do comunismo. Já no cárcere fascista, procura então através de seus estudos e escritos dar continuidade a sua luta, a uma necessária renovação da «filosofia da práxis» como forma de compreensão da totalidade social, do que é a «vontade coletiva» e de como deve ser abordado o problema do partido, do Estado e do intelectual, enquanto mediações importantes para transformação do mundo, para edificação do socialismo e de uma ética comunista.

Entender então a «filosofia da práxis» gramsciana, em particular nos *Cadernos* - e aí repetimos: os seus escritos por excelência de completa maturidade -, corresponde diretamente em compreender a sua «concepção de mundo», portanto, de sociedade (civil) e, assim, o que ele concebe essencialmente por história e por transformação da realidade, por hegemonia. Essa deve ser a grande busca para qualquer estudioso do pensamento gramsciano!

Para compreender a «filosofia da práxis» nos *Cadernos* é fundamental ainda analisar como a herança croceana-gentiliana permitiu ao nosso autor fazer a importante identificação entre filosofia e história, e a política passa a ser o elemento mediador dessa identificação. Defendemos que, numa primeira medida, essa forma de conceber a política tem sua origem nas particulares leituras que o autor sardo faz de Lênin e, numa segunda medida, nasce da sua crítica a concepção moralista de história do próprio Benedetto Croce, ao mesmo tempo em que é também proveniente da tese do «circolo della realtà» do autor napolitano; e, numa terceira medida, é proveniente de suas leituras da obra de Rodolfo Mondolfo - ainda que essa aproximação à obra de Mondolfo, não signifique uma negação da obra de Antonio Labriola.

Defendemos que os escritos de Gramsci apresentam fundamentos ontológicos, mesmo não sendo esta uma obra onde podemos verificar uma «centralidade do trabalho», mas sim uma «centralidade da política». A esse propósito, concordamos com Martelli,² Oldrini³ e Tertulian,⁴ por exemplo, de que um paralelo das teorias dos *Cadernos* com o último G. Lukács pode ser esclarecedor. De fato, tanto Gramsci como Lukács procuraram renovar, atualizar, o marxismo através de suas incisivas oposições ao determinismo positivista-mecanicista da *II e III Internacional*, ao neo-idealismo e neo-kantismo (a sociologia analítica de Rickert, Dilthey e Weber na Alemanha e Croce e Gentile na Itália, para darmos poucos exemplos), ao indicarem um caminho para a construção de uma «nova ontologia», uma nova concepção do ser social, uma «nova concepção de mundo», para usarmos uma expressão freqüente em Gramsci. Para os autores o marxismo não é somente um «método» interpretativo de mundo, mas também uma «nova concepção de mundo» que opera a favor de

² MARTELLI, Michele. *Gramsci, filosofo della politica*. Milano: Unicopli, 2000, p. 23.

³ OLDRINI, Guido. *Gramsci e Lukács, avversari del marxismo della II Internazionale*, in "Giornale critico della filosofia italiana", fascicolo II, maggio-agosto 1991., pp. 178-194.

⁴ TERTULIAN, Nicolas. *Gramsci, l'anti-Croce e la filosofia di Lukács*, in "Marx Centouno", n° 7, 1988, p. 61-70.

uma transformação radical, ou seja, a favor do comunismo. Ambos os autores não abortam a concepção de utopia quando identificam filosofia e história, quando consideram o passado e o presente para se entender o devenir social.

Em outras palavras, é necessário resgatar a obra de Gramsci como uma obra ontológica, ou seja, como uma obra de reflexão sobre o complexo social. Os últimos escritos de nosso comunista não pode ser concebidos apenas como um programa teórico-político, ainda que não apresente uma «centralidade do trabalho» e sim apresente uma «centralidade da política», mas também como uma reflexão sobre o ser social. Os *Cadernos* de Gramsci devem ser considerados não apenas em seu contexto, mas na sua totalidade - e para «totalidade» não entendemos apenas o seu contexto histórico e os diversos diálogos travados por Gramsci contra o marxismo vulgar e o revisionismo italiano, mas como uma obra dotada de uma «concepção de mundo» e de uma ética revolucionária e que por isso mesmo mantém a sua atualidade e universalidade.

Para relembra o que nos ensinou o próprio Gramsci nos *Cadernos* é importante compreender o pensamento de um autor, concretizado na sua obra, numa dimensão que vá além de seus dados biográficos e cronológicos; é necessário identificar os elementos críticos-permanentes, próprios e originais do seu pensamento, sem esquecer que «utopia tem o seu valor filosófico». «Deve-se fazer preliminarmente um trabalho filológico minucioso e conduzido com o máximo escrúpulo, exatidão e honestidade científica [...]» de seus escritos, ao mesmo tempo, em que devemos sempre entendê-lo enquanto expressão revolucionária, de uma «vontade coletiva permanente» para a construção de uma renovada «hegemonia cultural», que ponha fim ao mundo dividido em classes sociais.

Nesse sentido, não abjuramos uma análise imanente dos *Cadernos* e não os descolaremos do seu contexto histórico, contudo, afirmamos ser a obra gramsciana antes de tudo, uma obra de um revolucionário comunista, que recoloca questões ainda hoje profundamente pertinentes e que indica caminhos para a superação de nosso fragmentado mundo regido pelo capital – é isso o que entendemos por «vitalidade de um pensamento».

Mesmo sendo os *Cadernos*, inquestionavelmente, uma «opera aperta», inconclusa, ou ainda uma obra cujo autor adotou, como sabemos, muitas vezes a linguagem filosófica de seus próprios adversários é possível se ter uma compreensão largamente aproximada do que foi deixado. Concordamos, nesse ponto, com Mateucci⁶ que é possível se obter um desenho da totalidade da mesma, pois para algumas discussões filosóficas-políticas gramscianas, não se tem prismas a ser considerados. Sendo assim, os *Cadernos* não é um corpo a ser dissecado anatomicamente, perdendo de vista a vitalidade da discussão, inicialmente conduzida pelo próprio Gramsci; o de compreender as idéias de um autor não apenas em seu sentido «metodológico ou gnosiológico», mas em seu sentido «orgânico», enquanto uma totalidade de idéias que sempre expressam uma determinada «concepção de mundo» (no sentido propriamente da palavra alemã *Weltanschauung*) e de transformação radical do mesmo, ou seja, uma utopia que não tem claramente nenhuma conotação negativa, mas revolucionária uma vez que está no campo do possível e no possível reside a emancipação que pode provir de uma realidade concreta.

⁵ Q 16, p. 1840.

⁶ MATEUCCI, Nicola. *Antonio Gramsci e la filosofia della praxis*. Milano: Dott. A. Guiffrè Editore, 1951, p. 15.

REFERÊNCIA

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. 8ª ed. Torino: Einaudi, 2004.

GERRATANA, Valentino. *Gramsci: problemi di método*. Roma: Editori Riuniti, 1997.

INFRANCA, Antonino. Il progresso alternativo alla modernità: Gramsci e Lukács, in *Coscienza storica*. Rivista di studi per una nuova tradizione, Marco Editore, n. 1, 2000.

MARTELLI, Michele. *Gramsci, filosofo della politica*. Milano: Unicopli, 2000.

MATEUCCI, Nicola. *Antonio Gramsci e la filosofia della praxis*. Milano: Dott. A. Guiffrè Editore, 1951.

OLDRINI, Guido. *Gramsci e Lukács, avversari del marxismo della II Internazionale*, in "Giornale critico della filosofia italiana", fascicolo II, maggio-agosto 1991.

OLIVEIRA, Tatiana Fonseca. Notas sobre a concepção de trabalho em Hegel, Marx, Gramsci e Lukács, *Revista Seune*. Ano 2, nº. 3, jul./dez. 2006, p. 261-287. Maceió: SEUNE/EDUFAL.

TERTULIAN, Nicolas. *Gramsci, l'anti-Croce e la filosofia di Lukács*, in "Marx Centouno", nº 7, 1988.